

O Realismo Aristotélico nas Questões do Ser, do Tempo e da Percepção

Adriano Martinho Correia da Silva

Departamento de Filosofia – FFLCH

Universidade de São Paulo

1. Objetivos

De quantas maneiras se pode dizer o realismo aristotélico? Seja qual for a resposta, o papel deste projeto é postular duas questões e aprofundá-las no texto aristotélico. O que significa o verbo grego ser e como enquadrá-lo em uma filosofia da linguagem aristotélica? E o que significa, na doutrina da percepção do *De Anima*, postular o tempo como sensível comum ao passo que o mesmo é dito uma categoria no *Organon*?

2. Material e métodos

Há pelo menos três livros de Aristóteles a serem analisados neste projeto: *Categorias*, *Metafísica* e *De Anima*. Nas *Categorias* há a famosa doutrina em que o ser é dividido em dez gêneros supremos, sendo um desses gêneros a quantidade (*poson*) e outro o tempo (*pote*). Na *Metafísica* (IV e VII) há a famosa afirmação de que o ser é *dito* de dez maneiras (*pollachos legomenon*). No *De Anima* há o problema de postular-se o tempo como sensível comum e na *Física* (IV.14) define-se o tempo como número do movimento, utilizando-se da categoria do tempo (*pote*) e da subcategoria do número (*arimos*), que por sua vez faz parte da categoria da quantidade (*poson*).

3. Resultado e discussão

Há dois resultados deste projeto de pesquisa que conflitam com a corrente atribuição a Aristóteles de um realismo por vezes ingênuo. Ora, não só o ser é dito de várias maneiras, e aí tem-se uma ênfase em seu aspecto lógico-discursivo, como o

próprio tempo só pode ser entendido à luz do tratado das *Categorias*, no qual ele é uma categoria e sua definição o inclui em uma espécie (*arimos*) de um gênero predicativo (*poson*).

4. Conclusão

Não faz sentido atribuir a Aristóteles o termo realismo, que foi cunhado cerca de um milênio e meio depois de sua morte, no contexto de um debate escolástico em que se opunham nominalistas a realistas — isto a despeito de o debate medieval derivar longinquamente de Aristóteles, pois o termo (realismo) fora cunhado durante a famosa querela medieval dos universais, que surgiu devido ao comentário que Porfírio realizara (no séc. IV) em sua introdução ao livro das *Categorias*, conhecida como *Isagoge*.

5. Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. The Complete Works of Aristotle, 2v., ed. Jonathan Barnes. (Princeton, 1984.)

CHARLES, David. Aristotle on Meaning and Essence. (Oxford University Press, 2001.)

COOPE, Ursula. Time for Aristotle: Physics IV.10-14. (Oxford University Press, 2005.)

EVERSON, Stephen. Aristotle on Perception. (Oxford University Press, 1999.)

PUENTE, Fernando Rey. Os sentidos do tempo em Aristóteles. (São Paulo, Loyola/Fapesp, 2001.)

SHIELDS, Christopher. Order in Multiplicity: Homonymy in the Philosophy of Aristotle. (Oxford University Press, 1999.)